

O INOMINÁVEL ATUAL

ROBERTO CALASSO

O inominável atual

Tradução

Federico Carotti



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Adelphi Edizioni S.p.A., Milão
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

L'innominabile attuale

Capa

Kiko Farkas e <completar>/ Máquina Estúdio

Imagem de capa

<completar>

Preparação

Natalia Engler

Revisão

Márcia Moura

Fernando Nuno

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Calasso, Roberto

O inominável atual / Roberto Calasso ; tradução Federico
Carotti. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2020.

Título original: L'innominabile attuale.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-3311-6

1. Civilização moderna – Século 20 2. Civilização moderna
– Século 21 3. Guerra Mundial, 1939-1945 4. Vida intelectual –
História – Século 20
I. Título.

19-31828

CDD-909.82

Índice para catálogo sistemático:

1. Civilização moderna : História

909.82

Cibebe Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

I. Turistas e terroristas	9
II. A Sociedade Vienense do Gás	89
III. O avistamento das torres	157
<i>Fontes</i>	161
<i>Índice onomástico</i>	175

O INOMINÁVEL ATUAL

I

TURISTAS E TERRORISTAS

A sensação mais precisa e mais aguda, para quem vive neste momento, é não saber onde está pisando a cada dia. O terreno é frágil, as linhas se dividem, os tecidos esgarçam, as perspectivas oscilam. Então se percebe com maior clareza que estamos no “inominável atual”.¹

Entre 1933 e 1945, o mundo realizou uma tentativa de autoaniquilação, em parte bem-sucedida. O que veio depois era amorfo, grosseiro e extremamente poderoso. No novo milênio, é amorfo, grosseiro e cada vez mais poderoso. Elusivo em toda parte, é o oposto do mundo que Hegel pretendia comprimir por meio do torno conceitual. Mesmo para os cientistas, é um mundo fragmentado. Não tem estilo próprio e lança mão de todos.

Esse estado das coisas até poderia parecer animador. Mas apenas os sectários se animam, convencidos de reter o fio da meada do que ocorre. Os outros — a maioria — se adaptam. Seguem a

propaganda. A fluidez taoista é a virtude menos difundida. E por toda parte despontam as arestas de um objeto que ninguém conseguiu ver em sua completude. Este é o *mundo normal*.

Auden deu o nome de “A era da ansiedade” a um poema em várias vozes, ambientado num bar de Nova York por volta do final da guerra. Hoje essas vozes soam remotas, como se vindas de outro mundo. A ansiedade persiste, mas não predomina. O que predomina é a inconsistência, uma inconsistência assassina. É a era da inconsistência.

O fundamento do terror está na ideia de que somente o assassinato oferece a garantia de significado. Tudo o mais parece instável, incerto, inadequado. A esse fundamento depois se somam as várias motivações que reivindicam o ato. E a esse fundamento se liga também, de modo obscuro e que implica uma metafísica, o sacrifício cruento. Como se, de tempos em tempos e nos mais diferentes lugares, se impusesse uma necessidade irreprimível de assassinatos que podem também parecer gratuitos e irracionais. Aziago espelhamento entre as origens e o presente. Um espelho enfeitado.

O terrorismo islâmico é sacrificial: em sua forma perfeita, é a vítima que pratica o atentado. Os mortos no ato são o *fruto* benéfico do sacrifício de quem praticou o atentado. O fruto do sacrifício antigamente era invisível. Toda a máquina ritual era concebida para estabelecer um contato e uma circulação entre o visível e o invisível. Agora, porém, o fruto do sacrifício se tornou visível, mensurável, fotografável. Como os mísseis, o atentado sacrificial aponta para o céu mas cai sobre a terra. Por isso predominam os atentados de assassinos-suicidas que explodem a si mesmos. Ou,

em todo caso, subentende-se que quem pratica o atentado acaba por se matar. Explodir uma bomba qualquer por controle remoto ofusca a natureza sacrificial do ato.

O primeiro inimigo do terrorismo islâmico é o *mundo secular*, de preferência em suas formas coletivas: turismo, espetáculos, escritórios, museus, bares, grandes lojas, meios de transporte. Então o fruto do sacrifício não só consistirá em inúmeras mortes, mas terá ressonância mais ampla. Como toda prática sacrificial, o terrorismo islâmico se funda no *significado*. E esse significado se encadeia a outros significados, todos convergindo para o mesmo motivo: o ódio pela sociedade secular.

No último estágio da sua formação, o terrorismo islâmico coincide com a difusão da pornografia na rede, nos anos 1990. De repente, tinham diante dos olhos, fácil e constantemente disponível, aquilo que sempre haviam imaginado e desejado. E que ao mesmo tempo revelava toda a estrutura de suas regras sobre o sexo. Se aquela negação era possível, *tudo* devia ser possível. O mundo secular invadira a mente deles com algo irresistível, que os atraía e ao mesmo tempo os ridicularizava e desautorizava. Sem o uso de armas — e, além do mais, sem admitir nem exigir a presença do significado. Mas eles iriam *além*. E, além do sexo, há somente a morte. Uma morte selada pelo significado.

Desde os tempos de Netchaiev, sabemos que o terror também pode seguir outras vias. Naquela época, foi chamado de *terror niilista*. Hoje é possível conceber uma variante: o *terror secular*. A ser entendido como mero procedimento, e por isso disponível a qualquer tipo de fundamentalismo, que lhe dá uma coloração es-

pecífica de acordo com seus fins. Ou também aos indivíduos, que assim podem dar vazão a suas obsessões.

O poder que move o terrorismo e o torna exasperante não é religioso, político, econômico ou reivindicativo. É o acaso. O terrorismo é aquilo que torna visível o poder ainda intocado que rege o funcionamento do todo e revela o seu fundamento. Ao mesmo tempo, é uma modalidade eloquente por meio da qual se manifesta na sociedade a imensa extensão daquilo que a cerca e a ignora. Era preciso que a sociedade chegasse a se sentir autossuficiente e soberana para que o acaso se apresentasse como seu principal antagonista e perseguidor.

O terror secular quer, antes de mais nada, sair da coerção sacrificial. Passar ao puro assassinato. O resultado da operação deve parecer totalmente fortuito e se dispersar em locais anônimos. Nesse momento se evidenciará que o acaso é o mandante último desses atos. E o que assusta mais: o assassinato significativo ou o assassinato fortuito? Resposta: o assassinato fortuito. Porque o acaso é mais amplo do que os significados. Diante do assassinato significativo, o insignificante pode se considerar protegido pela própria insignificância. Mas, diante do assassinato fortuito, o insignificante se descobre especialmente exposto, justamente por sua insignificância. Ao fim e ao cabo, o terror não tem mais necessidade de um mandante coletivo. Mandante e executante podem coincidir. Pode ser o indivíduo como entidade desenraizada, assim como um Estado ou uma seita, que obedece a um mandamento imposto por ele mesmo: matar.

O terrorismo *significativo* não é a forma última do terrorismo, e sim a penúltima. A última é o terrorismo *fortuito*, a forma de terrorismo que mais corresponde ao *deus do momento*.

Desde seu primeiro número, em setembro de 2016, *Rumiyah*